

REVOLUÇÃO DE 1964, GOVERNO E OPOSIÇÃO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 20.04.1982

Os representantes do PDS liderados pelo senador Passarinho insistem em falar em revanchismo da oposição. Segundo o senador paraense, que assim busca incompatibilizar o PMDB com os empresários e os militares, a oposição está toda orientada para obter a sua revanche em relação à derrota sofrida em 1964.

Ora, o mínimo que se pode dizer dessa interpretação é que ela falseia a verdade, invertendo-a, embora tenha aquele mínimo de base na realidade que não a torna obviamente falsa.

Essa mínimo de realidade deriva do fato que um número considerável dos líderes da atual oposição estavam de alguma forma ligados ao governo deposto em 1964. Mas a realidade para aí. Se examinarmos a oposição hoje veremos que um grande número de seus líderes também apoiou a Revolução de 1964. Muitos deles foram políticos da extinta Arena.

Na verdade a Revolução de 1964 é hoje um episódio da história do Brasil. Não tem mais sentido ser contra ou a favor 1964, como não tem sentido ser contra ou a favor 1930 ou 1889. A inversão da realidade contida no discurso do Sr. Passarinho está na sua insistência em “acusar” a oposição de só pensar em 1964, quando é para ele e para o PDS que 1964 é a referência básica.

Para a oposição o referencial básico e, portanto as críticas fundamentais ao Governo são quatro: (1) seu caráter politicamente autoritário; (2) seu caráter socialmente discriminatório; (3) seu caráter economicamente incompetente; e (4) seu caráter moralmente corrupto ao nível dos diversos governos estaduais. A Revolução de 1964 só é criticada pela oposição na medida em que eventualmente teve essas conseqüências.

É certo que o autoritarismo e a discriminação social instalaram-se no Brasil desde 1964, mas nem sempre em função dos responsáveis pela revolução. Já em relação à

incompetência vale lembrar que sobreveio da incapacidade do Governo fazer novas propostas de política econômica; quanto à corrupção, certamente foi o resultado de muitos anos de autoritarismo.

Nesses termos as eleições de 1982 serão eleições entre um governo desgastado por esses vícios e uma oposição pronta a assumir o poder exatamente porque é capaz de reconhecer o que é duradouro em relação a 1964 e o que é circunstancial ou definitivamente inaceitável.

O resultado duradouro da Revolução de 1964 é a hegemonia burguesa e, portanto a consolidação do capitalismo no Brasil. Por isso a esquerda é claramente minoritária no principal partido da oposição: o PMDB. Esse partido hoje é uma clara alternativa de poder no Brasil exatamente porque não é um partido de esquerda. Seria desejável que a esquerda existente no PMDB fosse suficientemente forte para que o partido pudesse ter a proposta de um socialismo democrático. Mas é exatamente porque isto não é assim que a burguesia dominante tende a ver nele uma alternativa válida.

Neste quadro não há revanchismo no PMDB. O que há é uma concreta alternativa de poder, a partir de uma proposta política não apenas democrática, mas popular. O referencial a 1964 não faz sentido para o PMDB, que está preocupado em criticar o autoritarismo, o conservadorismo e a incompetência em matéria de política econômica do Governo. Quem usa 1964 como referencial são homens como o senador Passarinho com o óbvio propósito de assim incompatibilizar a oposição com os militares e conservar o poder a qualquer custo.(20/04)